

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano VII — Número 79

Julho de 1969

## CONSÔLO

O céu azul, de claros tons, risonhos,  
Da minha, já distante mocidade,  
Enchi de estrêlas, povoei de sonhos  
De amor, de glória, de felicidade.

Naquele céu tão calmo, a claridade  
Foi-se apagando e, então, só tons tristonhos  
De nuvens que traziam tempestade  
Se acumularam céleres, medonhos.

A todo instante, uma ilusão murchava:  
Era uma estrêla que bruxuleava,  
Mais outro sonho que—ai de mim—morria.

E agora, que se foi toda a esperança,  
Resta o consôlo de ter na lembrança  
Aquele céu que foi azul, um dia . . .

António Guilherme de Almeida

# A Tarefa máxima da Igreja para este tempo

por A. Casaca

## II

«E quem sabe se para tal tempo como este, chegaste a este reino»

Uma das características da Evangelização para estes nossos dias é, decerto, a da rapidez.

Não há tempo a perder, porquanto, «o diabo desceu o vós e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo». (Apc. 12:12).

«Temos de estabelecer grandes centros em alguns poucos lugares, deixando por trabalhar muitas cidades importantes. Assumamos agora o trabalho que nos é designado, e proclamemos a mensagem que há-de despertar homens e mulheres, levando-os a reconhecer o perigo em que se encontram. Se cada Adventista do Sétimo Dia tivesse feito o trabalho que lhe foi confiado, o número de crentes seria hoje muito maior do que é». — (*Testemunhos Selectos*, vol. III, pág. 293).

Não se diga que não se sabe o que cada qual pode fazer. É certo que nem todos são chamados para serem pregadores; mas todos somos chamados para pregarmos o maior de todos os sermões que é viver de acordo com as normas cristãs.

Efectivamente, assim nos ensina o Espírito de Profecia: «O mundo ficará convencido, não pelo que o púlpito ensina, mas pelo que os membros da igreja realizarem na sua vida. O ministro anuncia do púlpito a teoria do Evangelho; a piedade prática da igreja demonstra-lhe o poder». (*Testemunhos* vol. 7, pág. 16).

Sabemos que a Obra de Deus não será finalizada, enquanto os homens e mulheres que compõem a nossa igreja se não unirem, fortemente para a obra, reunindo os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja; assim o declara solenemente a Irmã White em *Obreiros Evangelistas*, pág. 365.

Uma vez que Satanás desencadeia furiosamente os seus ataques, sabendo

do que já dispõe de pouco tempo, temos necessidade de lhe contrariar a actividade, lançando, portanto, toda a Igreja ao trabalho.

Toda a Igreja significa a acção conjunta, harmónica de Obreiros e Leigos. Perante a Mensagem que tem de ser pregada à humanidade, não há diferença entre uns e outros; todos têm a mesma obrigação de divulgar a Mensagem, conforme a capacidade de cada qual.

É verdade, repetimos, que nem todos sabem pregar. Mas todos sabemos orar, todos sabemos distribuir convites para as reuniões, todos sabemos onde é a igreja para aí assistirmos a tempo e horas aos serviços religiosos, todos sabemos facultar a leitura da Bíblia ou o canto de um hino ao nosso vizinho de lado, na igreja, durante o culto. Todos, enfim, temos uma tarefa designada propositadamente, tarefa esta que nos importa desempenhar com zelo e entusiasmo.

«A cada cristão — diz-nos a Irmã White — é designada uma obra especial! (*Southern Watchman*, 2 de Agosto de 1904). Trata-se, portanto, da distribuição do trabalho a todos os membros da igreja, a todos, sem excepção. Até aquele ou aquela que se encontrar retido no seu leito de dor, tem a sua tarefa a cumprir, para aquele momento: pode e deve orar pelo bom êxito dos esforços que os irmãos estiverem envidando nos seus labores missionários. É altura de recordar a conhecida expressão de Mardoqueu: «E quem sabe se para tal tempo como este, chegaste a este reino», reino este, que no caso em questão se pode traduzir por: «chegaste a tal estado».

Quando olhando ao nosso redor vemos o interesse, o zelo, a sofreguidão

*Continua na pág. 8*

# A FÉ

por José de Sá

Se fé é confiança, então é necessária e exercida em cada acto da vida, desde o berço ao sepulcro.

Sendo a fé um sentimento é também uma experiência. Ao nascer, a criança é de todos os seres o mais dependente. Entrou num mundo absolutamente estranho do qual é completamente ignorante. Chora sem saber porquê, sem motivo. Normalmente o recém-nascido não tem dores. Não tem fome, porque ao nascer ainda recebe alimento da mãe. Chora sem necessidade e sem objectivo, pelo menos consciente.

Passadas porém algumas horas, depois de separada da mãe, começa a fome. Então a criança começa a chorar e agora por necessidade. A mãe, consciente, atende prontamente. Aquele pequenino mas puro ser, logo aprende que a mãe o ama, e começa logo uma confiança que só a morte consegue acabar. A mãe já amava o filho antes de ele saber ou mesmo a conhecer. A criança aprende que a sua mãe é tudo para ela, e na mãe confia, pela mãe chora. O primeiro sorriso é para a mãe, a primeira palavra que articula é o nome de mãe. Porquê?

O bebé aprendeu com o amor da mãe. Ganhou confiança que tornou certeza, pois não há nenhuma dúvida na mente da criança — formando desse modo o primeiro e grande sentimento entre dois seres.

—Mãe é a encarnação de amor. Ela ama o filho precisamente por ser mãe. O filho aprende desse amor e ama a mãe, e passa a confiar e a depender desse grande amor; passa a ter Fé no amor, carinho, e cuidado materno.

Fé simples e singela! Confiança, certeza.

O que é então a fé?

É um sentimento de absoluta confiança, baseado sempre numa experiência de certeza íntima, pessoal.

Suponhamos que passado o primeiro

dia de vida do bebé, este não chora (mesmo inconscientemente) por comida. De que cuidados a mãe se enche logo! O seu menino não está bem! Deve estar doente, ou será anormal? E esforços não poupa para alimentar e salvar o seu segundo ser.

Não pretendo de modo algum materializar a fé. Esta continua sendo um dom de Deus. Mas então porque muitos a não têm? Precisamente por não quererem ter. Não sentem essa necessidade, sentem-se cheios, satisfeitos consigo mesmos ou preferem antes confiar em uma segunda ou adoptiva «mãe». Não choram nem clamam a Deus. E embora o amor de Deus por nós seja superior ao da nossa mãe, que por sua vez não tem igual na terra, Deus não nos força a amá-lo ou a aceitá-lo. Justamente porque Deus é amor e nos ama. E o amor não força. O amor não pede, dá.

Fé é uma árvore, é com efeito gerada de uma semente específica e produz também específicos frutos.

Deus não pede illogicamente que illogicamente O sirvamos. Só uma obediência racional pode ser aceite. Paulo afirmou: «assim que eu mesmo com entendimento sirvo a lei de Deus» Rom. 7: 25. «Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu *entendimento*, e de todas as tuas forças.» Marcos 12:30. «Apresentai a vossa demanda, diz o Senhor trazei as vossas firmes razões, diz o Rei de Jacob». Isa. 41:21. ««Procura lembrar-me; entremos em juízo juntamente; apresentada as tuas rezões para que te possa justificar» cap. 43:26.

Que é então fé e como obtê-la?

Fique estabelecido uma vez por todas: «a fé é um dom de Deus» — não dado arbitrariamente. É um sentimento de confiança, certeza, esperança e gratidão. Qual bebé, alguém sente fo-

me, dores, insegurança. Chora num choro de necessidade e petição. Como o bebê no choro do primeiro dia, sem ter consciência da existência da mãe, sem qualquer noção de como será atendido, o homem apenas clama no seu coração por socorro. E com maior desvê-lo e solicitude do que uma mãe, Deus, ao mais débil e sincero clamor de «seu filho», atende. A alma não sabe que é Deus, como o bebê não sabe que é a mãe. Aceitando o alimento que a mãe lhe oferece e o socorro que lhe presta logo a criança começa a familiarizar-se com a sua «Salvadora e protetora». Tal a experiência da alma sincera com Deus. A princípio não sabe que é e quem é Deus, mas aceitando o «alimento oferecido», o socorro prestado e companheirismo vivido, vai conhecendo, vai aprendendo de Deus. A fé é progressiva. «A fé é pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus». Rom. 10: 17. Do continuar ouvindo a Palavra de Deus; lendo-a, obedecendo-Lhe, experimentando-O, vivendo à altura da luz progressivamente adquirida, vai-se familiarizando com Deus; aumenta a amizade, cresce o amor. Forma-se confiança, um sentimento de certeza: certeza de guia no passado, certeza da presença no presente; certeza absoluta de presença, guarda, protecção e direcção de Deus no futuro, pois, «fé é o firme (inamovível) fundamento das coisas que se esperam e a prova das que se não vêem» Heb. 11:1.

Fé é uma certeza no amor de Deus, é uma prova de nossa parte, confiando e consagrando-nos inteira e incondicionalmente a Quem, temos a certeza, só nos fará bem, nos guiará bem e nos salvará.

A fé verdadeira crê que Deus sempre atende, embora não precisamente da maneira que desejamos. Deus é sábio demais para errar e por isso não nos dá algo que sabe ser para nosso mal.

Sendo, como se disse, a fé uma árvore, produz indubitavelmente frutos. De contrário seria uma árvore inútil e morreria. Quais então os frutos da fé, ou melhor: como se manifesta? «Pelos seus frutos os conhecereis». Tiago 2:14-26.

Ter fé é ter confiança, ter confiança é obedecer, obedecer é acatar, respeitar e cumprir as ordens não forçada mas voluntariamente e com alegria. Visto Deus nada aceitar que não seja voluntária e alegremente cumprido ou dado, fé só pode ser com efeito, obediência aos mandos, ordenanças ou preceitos de Deus.

Porventura não foi Abraão justificado quando, pela fé, ofereceu seu filho Isaque? Abraão obedeceu a Deus, embora não pudesse divisar qualquer propósito. Deus ordenou, e Abraão pelo seu companheirismo com o Pai, obedeceu. E porque obedeceu foi chamado o «Amigo de Deus». Abraão e Deus já eram amigos antes. A obediência de Abraão foi uma manifestação dessa amizade.

Fé é um sentimento e experiência pessoais, intransmissível, embora possa ser contagiante. Eu não posso dar minha fé, mas posso inspirar fé a outros.

Visto que sem fé e consequentes frutos, «é impossível agradar a Deus», três devem ser as orações:

«Dá-nos fé» devem pedir os que a não têm.

«Aumenta-nos a fé» — peçam os que têm pouca.

«Firma-nos Senhor, na fé», seja a constante oração do que nas provações da vida sente o calor da fé arder em seu coração.

De Jesus é dito: «Mesmo em face da morte pôde Ele expressar Sua gratidão. Lázaro jazia no túmulo, suas irmãs e amigos choravam ao lado do Mestre, mas ele ergueu a voz rumo ao Céu, dizendo: «Pai, graças Te dou por haveres ouvido.» Eis a gratidão da fé. Demasiadas vezes esperamos, para receber a resposta antes de expressarmos nossa gratidão. A Fé, porém, expande-se para além das coisas visíveis, aquilo que é invisível e eterno». *Meditações Matinais* 26 de Nov. de 1966.

Procurem a fé e seus correspondentes frutos: obediência e observância dos mandamentos de Deus e assim seremos espiritualmente equilibrados.

---

Visado pela Censura

# O DOM DAS LÍNGUAS

## Confusão de Babel ou Pentecostes?

por Yvan Rouillet

### (Continuação)

Paulo não se opõe ao dom das línguas, antes pelo contrário ele escreveu: «...não proibais falar línguas». (14: 39). Mas não podemos conceber que ele aprove um falso dom. Entretanto não é o objectivo deste capítulo estabelecer a diferença entre verdadeiro e falso dom de línguas. A preocupação de apóstolo é outra. Seja qual for a língua falada na assembleia, para ele o que importa é a utilidade do dom, o uso que dele é feito. Se ninguém compreende a língua, e se não há intérprete, devemos nos calar para evitar a desordem e a confusão! Este é o conselho de Paulo.

O objectivo do apóstolo, era lutar contra a desordem e a confusão que reinava na Igreja de Corinto. Os versículos 26 e 40 são bastante claros sobre este assunto. Trata-se mesmo do objectivo de toda a epístola. Já mencionamos as preocupações que esta igreja tinha dado ao apóstolo. Alguns falavam ao mesmo tempo, uns numa língua e outros noutra. Enquanto uns pregavam outros profetizavam ou oravam. Até mesmo as mulheres se misturavam a esta balbúrdia, a tal ponto que Paulo teve que as aconselhar a calarem-se. Era preciso que isto cessasse.

### Conclusão do Dicionário Adventista da Bíblia

Seja qual for o ponto de vista adoptado à interpretação de I Cor. 14 uma coisa é certa, o dom das línguas do Pentecostes assim como o seu objectivo, era em muitos aspectos diferente do dos Coríntios. É esta a conclusão do *S. D. Adventist Bible Commentary*. Inspirando-nos nesta conclusão, podemos estabelecer o seguinte quadro comparativo:

### O dom dos Coríntios I Cor. 14

1. Edifica unicamente o que fala (Verso 2)
2. Paulo não encoraja o seu emprego em público, salvo se houver um intérprete. (v. 12, 13, 27)
3. Não é recomendado o seu emprego na igreja. (v. 19 e 28)
4. O orador está em êxtase, e sua inteligência inconsciente (v. 14)
5. O orador falava a Deus (v. 2)
6. O dom de certos Coríntios era um som confuso, bárbaro (v. 8, 9, 11)
7. Paulo não felicita os Coríntios. Repreende-os: «...estareis como que falando no ar». (v. 9, 11)

### O dom do Pentecostes Actos 2

1. Edifica o que ouve (verso 8)
2. O orador não precisa de intérprete. Fala directamente numa língua que é compreendida. Pode portanto falar em público. (v. 8 e 11)
4. O orador não está em êxtase, sabe o que diz
5. O orador fala aos homens (v. 6)
6. Todos ouvem uma língua perfeitamente compreensível
7. Os discípulos não falavam no ar. Receberam este dom depois de ter recebido o Espírito Santo. O Espírito Santo não fala no ar.

«Estareis como que falando no ar». Eis uma repreensão um pouco indelicada e ousada em face de uma manifestação do Espírito Santo: Temos que concluir:

1) Certas manifestações do dom das línguas em Corinto não eram inspiradas por Deus. Paulo não ousaria opor-se ao Espírito Santo.

2) Isso confirma o que dissemos sobre os abusos dos Coríntios no uso deste dom, usavam-no sem a inspiração do Espírito Santo. O Espírito de Deus não leva os homens a abusos. Não conduz à desordem nem à confusão na igreja.

3) A observação de Paulo, no versículo 2: «Porque o que fala língua estranha não fala aos homens, senão a Deus»; não indica a ordem que deve reinar na igreja, mas a desordem que reina efectivamente entre os Coríntios.

4) Quando o apóstolo escreve que o orador diz mistérios em espírito, não elogia o que fala, mas aconselha-o, ao contrário, que seja útil à edificação da assembléia: Se abres a boca para dizeres mistérios, falas no ar, nenhuma utilidade tens para a igreja.

A multiplicidade das línguas provém da confusão de Babel. Falar uma outra língua e ininteligível, só contribui para aumentar a confusão e esta confusão lembra mais a intervenção divina em Babel do que o milagre de Jerusalém.

Os Coríntios procuravam mais o dom das línguas do que qualquer outro, porque era mais espectacular e de mais fácil imitação. Esta manifestação toma por vezes o aspecto de um milagre, que atrai as multidões. Daí o seu sucesso junto dos fracos, místicos e dos impressionáveis. Se todos os que falam hoje «em línguas», tivessem recebido o dom do Pentecostes, como pretendem, já teriam revolucionado o mundo pelo seu ensino, como foi dito dos apóstolos. Julguemos a árvore pelos seus frutos.

«Porque nos faltam dados sobre a maneira como se manifestou outrora o dom das línguas, Satanás assim pode imitar facilmente o dom de Deus. Estas ejaculações ardentes e incoerentes encontram-se muitas vezes no culto pagão. Por isso mais tarde, sob uma aparência cristã, várias manifestações deste suposto dom de línguas, fizeram de tempos a tempos as suas aparições.

Entretanto quando comparamos estas manifestações com o que a Bíblia diz acerca do dom das línguas, notamos que diferem do dom atribuído ao Espírito Santo. Por essa razão deveriam ser rejeitadas como falsas». (*S. D. A. Bible Commentary* pág. 796).

### Advertências do Espírito de Profecia

Falando dos fanáticos a irmã White escreve (*Testemunhos*, vol. I, p. 161-163). «Algumas dessas pessoas têm formas de culto a que chamam dons, e dizem que o Senhor os pôs na igreja. Têm uma algaravia sem sentido a que chamam língua desconhecida, desconhecida não só ao homem, mas ao Senhor e a todo o Céu. Tais dons são manufacturados por homens e mulheres ajudados pelo grande enganador. O fanatismo, a falsa excitação, o falso falar línguas e os cultos ruidosos, têm sido considerados dons postos na igreja por Deus. Alguns têm sido iludidos a esse respeito. Os frutos de tudo isto não têm sido bons. «Pelos frutos os conhecereis». O fanatismo e o ruído têm sido considerados indício especiais de fé».

«Algumas pessoas não se satisfazem com uma reunião, a menos que experimentem momentos de poder e de gozo. Esforçam-se por isto, e chegam a uma excitação de sentimentos. A influência dessas reuniões, porém, não é benéfica. Ao passar o feliz arroubo do sentimento, essas pessoas imergem mais fundo que antes da reunião, pois sua satisfação não proveio da devida fonte. As mais proveitosas reuniões para o bem espiritual, são as que se caracterizam pela solenidade e o profundo exame do coração, cada um procurando conhecer a si mesmo e, com sinceridade e profunda humildade, buscando aprender de Cristo....»

«... Alguns desses têm muito a dizer sobre os dons, e são muitas vezes especialmente agitados. Entregam-se a sentimentos desordenados e excitados, e produzem sons ininteligíveis, a que chamam o dom de línguas, e certa classe

*Continua na pág. 10*

# Arderão os Pecadores para Sempre?

Muitos cristãos crêem que há ou que haverá um inferno de fogo no qual os pecadores arderão para todo o sempre sendo punidos por Deus pela eternidade sem fim.

Nas religiões pagãs a idéia do inferno é além de mais difusa, também mais antiga. Ocupa lugar de evidência na teologia pagã. Na mitologia antiga falava-se de um lugar subterrâneo para onde iam as almas a fim de serem julgadas por Mimos, Eaco e Radamanto, sob a tutela real de Plutão, que também era seu deus. Enquanto os Campos Elísios era o lugar de gôzo dos bem-aventurados, era o Tártaro a morada maldita dos perdidos.

No século XIV pintou-se um famoso quadro do inferno sempre em chamas. É Dante quem o descreve em seu poema Inferno, canto terceiro: «Aqui é mister do coração o medo e toda a pusilanidade. Estamos chegados ao lugar onde como já te disse verás as almas atormentadas que perderam o bem do intelecto... Línguas diversas, arengas horríveis, palavras de dor, acentos iracundos, vozes altas e roucas...»

Ora, se semelhante idéia do inferno fosse verdadeira, haveria então pecadores imortais. Mas louvado seja Deus, o Senhor não permitirá que semelhante coisa exista em Seu universo.

Quando Deus criou Adão e Eva, fê-los perfeitos. Não foram criados inerentemente imortais, mas criados como «almas viventes». A imortalidade era um dom de Deus se passassem no simples teste da obediência. Fora-lhes proibido comer da árvore da ciência do bem e do mal. Comeram, e como resultado do pecado, a enfermidade e a morte penetraram no mundo perfeito de Deus. Para prevenir uma tragédia como seria a de pecadores imortais, Deus privou o infeliz par da permanência no Eden, e portanto do acesso à Árvore da Vida. O relato inspirado diz-nos: «Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, para que não estenda sua mão e tome também da árvore da

vida, e coma e viva eternamente; o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Eden.» Gen. 3:22-24.

A Bíblia é muito clara sobre o problema da morte como resultado do pecado. «No dia em que dela comeres certamente morrerás». Gen. 2:17. Ezequiel também fala claramente sobre este mesmo assunto: «A alma que pecar, essa morrerá». Ezeq. 18:4. O Novo Testamento semelhantemente declara: «O salário do pecado é a morte» Rom. 6:23.

## MORTE, OPOSTO DE VIDA

Ora a morte, tanto quanto a Bíblia o esclarece e como é geralmente compreendida, é o oposto de vida. «Morrerás e não viverás,» foi o que disse Isaías a Ezequias (Is. 38:1). Assim, se aceitamos a idéia de que o pecador sofre para sempre no inferno após sua morte, não contrariamos apenas a Bíblia, mas também o sentido das palavras em nossa própria língua.

Se, porém, o pecador não arde no inferno para sempre, que acontece tanto a justos como a ímpios após a morte? Deve haver alguma punição para o pecado além da normal cessação da vida.

Os crentes da Tessalônica estavam preocupados com este assunto. Paulo, o apóstolo, falou-lhes em sua primeira epístola sobre o que aconteceria aos justos por ocasião da segunda vinda de Jesus. Os justos mortos seriam ressuscitados para a vida, e os justos vivos seriam arrebatados. (Ver I Tessal. 4:16, 17). Mas não menciona a sorte dos ímpios. Sobre este assunto, responde aos crentes da Tessalônica, na sua segunda carta: «E a vós que sois atribulados, descanso conosco, quando Se manifestar o Senhor Jesus desde os céus com os anjos do Seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que

não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do Seu poder.» (II Tessal. 1:7-10)

#### A SORTE DO ÍMPIO

No capítulo 20 do livro do Apocalipse, encontramos a amplificação das palavras de Paulo. João descreve a prisão de Satanás por mil anos, e também sua eventual libertação por um breve período de tempo antes de seu próprio fim. É preso quando todos os santos são levados com Cristo para o céu, e todos os ímpios são destruídos pelo esplendor da vinda de Cristo. É libertado por ocasião de ressurreição dos ímpios no fim do milênio, isto é, os mil anos durante os quais os justos estarão no céu com o Senhor. Será então liberto para o julgamento final.

O quinto e sexto versos de Apocalipse 20, dizem: «Mas os outros mortos (os que não ressuscitam quando da volta de Cristo), não reviveram até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição. Bemaventurado é aquele que tem parte na primeira; sobre estes não tem poder a segunda morte. «Todos os Homens sofrem a primeira morte, mas os ímpios sofrerão também uma segunda morte. Esta tem lugar no fim dos mil, anos, quando Cristo pela terceira vez voltará à terra, trazendo consigo os justos para na Terra viverem eternamente vida santa. Eis como as Escrituras a descreve: «Desceu fogo do céu e os devorou» Apoc. 20:9. Notai especialmente a última frase, que denota extinção. Está de acordo com Malaquias 4:1, onde nos diz que os ímpios serão totalmente aniquilados, extintos.

#### A IMORTALIDADE CONFERIDA

A imortalidade, como já mencionamos, é um dom de Deus. Será outorgada ao fiel povo de Deus por ocasião do segundo advento de Cristo. Embora

o salário do pecado seja a morte, o dom de Deus é a vida eterna por nosso Senhor Jesus Cristo (Ver Rom. 6:23).

Homens e mulheres terão de novo acesso à Árvore da Vida. Na Nova Jerusalém que Deus está preparando para Seus filhos, no meio da praça e de uma e de outra banda do rio», está a Árvore da Vida.

Os seus frutos são fruto de eterna vida, e suas folhas dão saúde. Dela poderão participar livremente todos os remidos, porque são bemaventurados, pois guardaram os mandamentos de Deus, e lavaram as suas vestiduras no sangue do Cordeiro». Únicamente eles terão direito à Árvore da Vida,» e entrarão na cidade pelas portas». Apoc. 22:14.

---

#### A Tarefa máxima da igreja para este tempo

*Continuação da pág 2*

com que tantos e tantos no mundo procuram as honras, as riquezas, o poder, a glória — tudo coisas que perecem como a palha e que são levadas como a praga, — deveríamos envergonharmos-nos da frieza, do desinteresse, da incúria com que temos trabalhado na causa de Deus.

Quantas vezes não temos nós sido aquela árvore estéril de que fala a parábola?

E, contudo, a misericórdia de Deus ainda nos conserva o nosso lugar, onde só temos feito sombra, sem termos produzido os frutos esperados.

Recordemos, uma vez, mais a frase de Mardoqueu: «Quem sabe se para tal tempo como este, não chagámos nós a esta situação!»

Irmãos e Irmãs! Despertemos arduamente para o trabalho pelo Mestre. As searas estão maduras e são horas de nos lançarmos ao trabalho.

Avante, pois, pelo Mestre, para que dentro em breve possamos ouvir a sua doce voz dizendo-nos:» Entra no gozo do teu Senhor, servo bom e fiel!»

# MEDITAÇÃO

por Orlando M. de Albuquerque

*O SENHOR é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei? Salmo 27:1*

«O SENHOR é força da minha vida; de quem me recearei?

«Tenho ao dispor a força do próprio «Omnipotente, o poder do Criador! «Quão grande é a minha força! Que, «ou quem poderá amedrontar-me? «Essa força ajudar-me-á a suportar «com ânimo constante todas as dores que possam afligir-me, pois é «a força de DEUS que me anima.

«Essa força ajudar-me-á a enfrentar «as dificuldades com coragem unificada, pois é a força de DEUS que «me encoraja.

«Essa força ajudar-me-á a solucionar «os problemas mais difíceis da minha vida com inteligência e sensateza, pois é a força de DEUS a dar-me sabedoria.

«Essa força ajudar-me-á a encarar «a morte como um inimigo já vencido, pois é a força de DEUS que me «dá a fé.

«Essa força ajudar-me-á a subjugar «de modo absoluto a minha natureza pecaminosa com uma determinação inabalável, pois é a força de «DEUS que me dá a vitória sobre o «pecado.

«Essa força ajudar-me-á a ver claro «onde o meu espírito acanhado e «entenebrecido pelos preconceitos só «enxerga nuvens, pois é a força de «DEUS que dá luz.

«Essa força ajudar-me-á a ter a certeza insofismável do amor de DEUS «quando o meu coração vacila duvidoso, pois é a força de DEUS que «me dá as provas desse amor divino. «Essa força ajudar-me-á a sentir pe-

«los meus semelhantes o mesmo amor incansável que DEUS sentiu «e sente ainda pelos homens, mesmo «os mais degradados. É a força da «DEUS, o Seu Amor, a arder no meu «coração, inflamando-o e fazendo-o «abrasar-se na chama purificadora «que consome o egoísmo entretendo «do na minha natureza má, tornando-a pulida, cristalina, capaz de reflectir a imagem viva do Amor de «Deus personificado em CRISTO».

Li estas palavras e pensei: Esta tem de ser a minha experiência.

E creio, meu Irmão, minha Irmã, tem de ser a vossa experiência também.

Como poderei eu, ou como podereis vós alcançar essa maravilhosa certeza: sabermos que o SENHOR é a força da nossa vida?

ELE mesmo desvenda o segredo e nos diz o que devemos fazer: *Ou que se apodere da Minha força, e faça paz comigo; sim, faça paz comigo.* (Isaías 27:5).

Podemos descobrir dois pensamentos importantes neste versículo:

1.º A palavra *apodere* sugere a ideia de luta, combate, batalha, guerra.

Contra DEUS? Oh! não. Mesmo a segunda parte do versículo desautoriza-nos de o admitir, e além disso a experiência humana demonstra cabalmente que da luta contra Deus não resulta paz para o coração tranquilo!

Que luta é essa, então? Terá de ser uma luta contra o «eu». Terá de ser o render da vontade à vontade de DEUS. Terá de ser a renúncia própria. *Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de DEUS, para que a seu tempo vos exalte* (I Pedro 5:6).

Essa humilhação do «eu» debaixo da potente mão de Deus é, na realidade, uma luta, a maior luta que o homem trava, porque a *inclinação da*

*carne é inimizada contra DEUS (Romanos 7:7).*

E para o homem ser exaltado pela dextra do Onnipotente, apoderando-se assim da Sua força, é mister que primeiro se humilhe debaixo da Sua mão, se submeta à Sua vontade, subjugando «a inclinação da carne» que é inimizada contra DEUS.

Há que vencer a inimizada contra DEUS para nos apoderarmos da força de DEUS.

2.º Temos que fazer paz com DEUS, também. Não porque O obrigámos a ceder às nossas exigências ou imposições, mas porque aceitámos os Seus reclamos e Lhe obedecemos aos mandos.

Há duas passagens na Sagrada Escritura que nos dizem qual é o caminho da paz com DEUS. Uma dessas passagens diz: «Ah! se tivesses dado ouvidos aos Meus mandamentos! então seria a tua paz como o rio, e a tua justiça como as ondas do mar» (Isaiás 48:18). A outra passagem diz: «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com DEUS, por nosso SENHOR JESUS CRISTO» (Romanos 5:1).

Quando estivermos em paz com DEUS ter-nos-emos apoderado da Sua força. O SENHOR será a força da nossa vida. Nada recearemos.

O versículo 18 de Isaiás 48 aponta-nos a obediência aos mandamentos de Deus como requisito para a obtenção da paz. Tal ensino é lógico. E, sobretudo, certo e abençoado. No Salmo 119, lemos, no versículo 165: «Muita paz tem os que amam a Tua Lei, e para eles não há tropeços».

A passagem de Romanos 5:1 apresenta a paz obtida pela justificação concedida ao crente que aceita o sacrifício vicariante de CRISTO, o Príncipe da Paz. Segundo a Sagrada Escritura, ELE por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação. (Romanos 4:25).

Assim obediência e fé devem florescer na experiência daquele que diz O SENHOR é a força da minha vida.

Obediência e fé devem manifestar-se na minha vida.

Obediência e fé devem manifestar-

-se também na tua vida, meu Irmão.

Se queres nada temer, se queres que o SENHOR seja a força da tua vida, necessitas de fazer paz com ELE.

Reconcilia-te com ELE e podes opoderar-te depois da Sua força. Temos a Sua Sagrada Palavra empenhada, e ELE honra-a sempre.

E verás que na tremenda e ininterrupta luta contra o «eu» poderás clamar, como todos os fiéis e humildes de oração: «Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores por AQUELE que nos amou». (Romanos 8:37).

---

## O Dom das línguas

Continuação da pág. 6

parece encantada com essas estranhas manifestações. Reina entre essa classe um espírito estranho, que derribaria e passaria por cima de quem quer que os reprovasse. O Espírito de Deus não está nessa obra e não acompanha a tais obreiros. Eles têm outro espírito».

Não nos deixemos seduzir por estas imitações dos dons do Espírito. Sejam muito prudentes. Peçamos a Deus o discernimento necessário para frustrar as ciladas daquele que se disfarça em anjo da luz (II Cor. 11:14). No reino de Deus os homens não serão mais divididos pela diversidade de línguas; formarão uma única nação, falarão a mesma língua. Cantarão louvores a Deus na língua dos anjos. Esperando este bemaventurado dia, sigamos o conselho de Paulo:

«Rogo-vos, porém, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer». (I Cor. 1:10).

Página

da

Juventude



## Tempo de duração do Noivado

Não se pode dar resposta definitiva à pergunta: Quanto tempo deve durar o noivado? A resposta depende das circunstâncias. Fizeram-se porém, observações gerais que permitem estabelecer certos princípios que podem servir de guia aos jovens pares em decidirem o prazo que devem aguardar até o casamento, depois de comprometidos.

Demonstram as estatísticas que a mais elevada percentagem de matrimónios bem-sucedidos ocorre entre os que tiveram um noivado relativamente longo. Esta observação, contudo, não justifica a conclusão de que se é bom um ano de noivado, dois anos do mesmo assegurarão uma união mais feliz. Serve para condenar casamentos apressados, ou os que se seguem a uma fuga. Ambos os extremos devem ser evitados. Assim como noivados de uma semana não dão ao par oportunidade de se conhecerem de facto, e promover aquela adaptação de personalidades requerida pela relação esporádica, também os noivados de três ou quatro anos devem ser condenados porque tendem a frustrar e reprimir as atracções fisiológicas e emocionais que levam gradativamente os comprometidos àquelas relações mais íntimas que culminam no casamento.

O período ideal de noivado varia de seis meses a dois anos, dependendo das circunstâncias e preferências dos jovens interessados.

Há certas considerações fundamentais para as quais devem os jovens atentar seriamente no momento de comprometerem-se ou antes dele. Estes assuntos podem ser tratados como um prelúdio do noivado, ou podem ser expostos no momento de se comprometerem, de maneira que em certo sentido as conclusões a que chegarem sejam as condições sob as quais se comprometam em mútua fidelidade. A lista dos problemas que

devem ser considerados depende da experiência que os jovens tenham. ...

Não é necessário, naturalmente, que os pretendentes, durante o namoro ou noivado falem dos pormenores de sua vida passada e admitam todos os erros que hajam cometido. Tampouco é desejável que falem extensamente de casos amorosos anteriores. A frequente menção de amizades anteriores dá a impressão de que ainda se acalenta a lembrança delas. Desta forma poderá o moço ou a moça sentir ciúmes de uma pessoa que jamais conheceu. Podem-se mencionar de passagem amizades anteriores, porém não se lhes deve dar considerável atenção.

Os assuntos de relevância que devem ser expostos às claras durante o noivado são os que dizem respeito a factos que podem ter influência sobre a realização do matrimónio. Por exemplo, se um dos pretendentes foi casado antes, deve dar a conhecer este facto e explicar as circunstâncias que a ele se prendem. Se qualquer das partes tenha assumido compromissos financeiros ainda não solvidos, isto deve ser revelado e deve-se responder lealmente a qualquer indagação sobre o caso. Se qualquer dos pretendentes tem defeitos físicos ou hereditários que possam impedir a procriação, o assunto deve ser exposto com franqueza, considerando-se as consequências. Também abalos à saúde, actuais ou anteriores, se devem considerar, como por exemplo se sofreu tuberculose, alguma afecção cardíaca, moléstias venéreas ou distúrbios nervosos.

O período de namoro e noivado não somente proporciona oportunidades de se examinarem os problemas, como também prepara o caminho para se harmonizarem as praxes pelas quais se ordenará e se estabelecerá o futuro lar. — Dr. Haroldo Schryock.

# Notícias do Campo

## Campanha «A Bíblia Responde» em Nova Lisboa

Desde o início do ano, a Igreja de Nova Lisboa tem estado empenhada numa tarefa missionária, o programa «A Bíblia Responde». Pela graça de Deus, chegámos ao final da primeira parte deste programa, com a entrega dos diplomas aos finalistas.



*Grupo de Obreiros Leigos que participou no programa: «A BÍBLIA RESPONDE»*

Um bom grupo de obreiros leigos, cerca de 34, semana após semana visitaram os seus alunos, não somente recolhendo e entregando lições, mas sempre que necessário, orientando os alunos no prosseguimento do Curso.

Cada Sábado de manhã, às 9 horas, todos os obreiros leigos se reuniam numa das salas do Colégio, para fazer planos, apresentar sugestões e discutir alguns pormenores de grande importância para a boa marcha do Curso. Estas reuniões foram sempre presididas pelo Director do Departamento de Actividades Leigos, irmão Manuel Marinheiro, e com a colaboração e preciosos conselhos do Pastor da Igreja, pastor Juvenal Gomes. Estas reuniões semanais foram de grande utilidade para o bom funcionamento deste Curso. À medida que os problemas surgiam, ali eram discutidos; e com a colaboração de todos, a melhor solução era encontrada.

As 10 horas da manhã, os 17 grupos partiam para as suas habi-

tuais visitas. Eram sem dúvida os momentos mais apreciados. Esse contacto semanal com os alunos, mostrava sempre o grande interesse que este método de evangelização tem vindo a despertar.

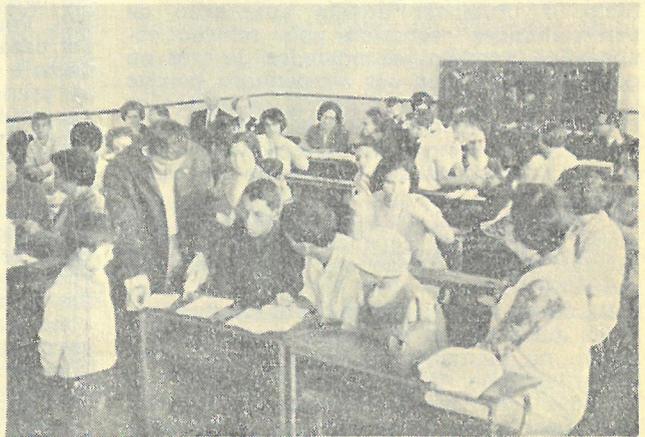
No Sábado, dia 26 de Julho, teve lugar a cerimónia da entrega dos diplomas. Momento de grande expectativa. Quantos viam à Igreja receber o seu diploma? Esta pergunta a todos preocupava e foi com grande alegria que nessa noite deparámos com o salão da nossa Igreja completamente cheio. Mais de 50% das pessoas que concluíram o Curso, vieram receber o diploma na Igreja.

Eis alguns dados estatísticos que mostram eloquentemente o quanto o Senhor nos ajudou neste trabalho:

Lares contactos .....	320
Bíblías entregues .....	256
Pessoas que concluíram o Curso .....	201
Pessoas que ainda não concluíram o Curso .....	20
Pessoas que se deslocaram à Igreja para receber o Diploma .....	116

Durante o Curso, nos 10 minutos missionários, muitas e encorajadoras experiências foram apresentadas à Igreja. Eis um dessas experiências, vividas por um dos grupos de obreiros leigos, irmão Jorge Teixeira e esposa:

«Ao darmos início no Bairro de S. João ao programa estabelecido para o corrente



*Reunião de preparação dos obreiros leigos, para uma saída missionária*

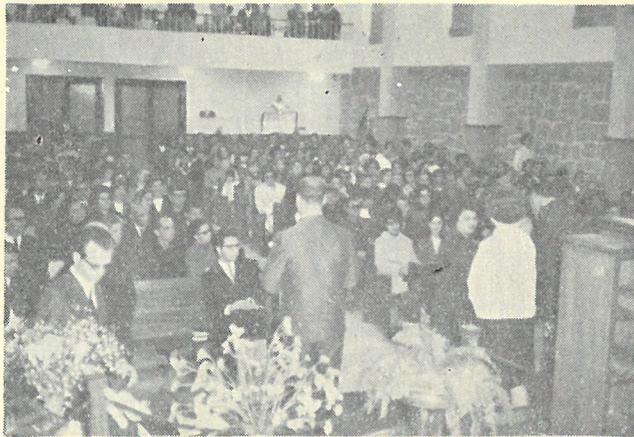
ano, de colocarmos uma Bíblia em cada Lar, através do curso «A BÍBLIA RESPONDE», tivemos o privilégio de contactar com uma Senhora que se mostrou interessada em seguir o curso que então lhe oferecíamos. Todavia, disse-nos que iria sair naquela semana, demorando-se cerca de oito dias, mas comprometeu-se a iniciar o curso logo após o seu regresso.

Ao voltar da sua viagem, tivemos o cuidado de contactar novamente com a Senhora, levando-lhe a Bíblia e as duas primeiras lições.

Semana após semana mantínhamos contacto com a nossa aluna deixando-lhe sempre as duas lições seguintes do curso, recolhendo, como é óbvio, as que havíamos deixado na semana anterior, a fim de procedermos à sua correcção.

Bem cedo começamos a interrogar a Senhora no sentido de sabermos se estava gostando do curso e era com indizível satisfação que ouvíamos dos seus lábios, palavras que muito nos alegravam por sabermos que a nossa boa aluna estava estudando a palavra do SENHOR, não por mero formalismo mas com uma vontade extraordinária de aprender.

No dia em que fomos recolher as lições que apresentavam o assunto do sábado, quisemos saber o que pensava a Senhora à cerca do «DIA DO SENHOR» e perguntamos então se tinha encontrado qualquer dificuldade em compreender este assunto. A Senhora esclareceu-nos que em face do que acabava de ler nas Sagradas Escrituras, não tinha tido dificuldades, mas que, no entanto, estava um pouco confusa por saber que uns guardavam o sábado e outros o domingo. Aconselhamos então a nossa aluna a pedir ao SENHOR que derramasse sobre ela a luz do Céu para assim poder



*Vista parcial do salão, na cerimónia da entrega dos diplomas*

compreender onde se achava a verdade.

Foi nesta altura que a Senhora nos revelou um segredo que muito nos impressionou e nos estimulou a trabalharmos mais em favor das almas que se encontram no erro. Disse-nos a Senhora: «Nunca vos quiz dizer uma coisa que se passou comigo, mas acho que chegou a oportunidade de a revelar. Não me sentia satisfeita com a minha Igreja em virtude das constantes mudanças que se operam nela, pois uma vez uma determinada coisa faz-se duma maneira, mas outra vez a mesma coisa faz-se de maneira diferente e então resolvi nas minhas orações pedir ao SENHOR que me desse luz e que me dissesse onde se encontrava a verdade. Dois dias depois de haver feito o pedido ao SENHOR, os senhores apareceram em minha casa propondo oferecer-me uma Bíblia e um curso composto de 24 lições para assim poder estudar os pontos fundamentais da revelação e da vontade do SENHOR». Disse-nos ainda que quando regressou da sua viagem, pensou em desistir do curso, mas depois disse para consigo: «Então eu pedi ao Senhor que me desse luz e agora depois de me ser concedida a oportunidade de conhecer a verdade é que eu vou desistir?» Graças a DEUS essa hipótese foi posta de parte e começou a fazer as primeiras lições de que se compunha o curso.

Não resistimos à tentação de perguntar à Senhora se estava convencida que a nossa presença no seu lar tinha sido a resposta à sua oração. Sem evasivas, disse-nos que não tinha qualquer dúvida a esse respeito e que a resposta do SENHOR não podia ter sido mais rápida.

Damos muitas graças a DEUS pela maneira maravilhosa como atrai a SI as almas sinceras que querem seguir a verdade.



*Um dos oito grupos que receberam o diploma*



*Grupo de crianças que se reuniu no parque Infantil de Nova Lisboa*

### Evangelismo Infantil em Nova Lisboa

Enquanto se realizou a campanha «A Bíblia Responde» no Bairro de S. João, algumas irmãs dedicaram os seus talentos ao curso de Evangelismo Infantil com reuniões bem planeadas para todos os Sábados de manhã, tendo em vista dois objectivos: cuidar dos filhos dos missionários leigos enquanto estes faziam seu trabalho missionário de porta em porta; e beneficiar as crianças e visitas em geral. Estas reuniões eram feitas no Parque Infantil da cidade, com tanta felicidade que chegaram a assistir-las 85 crianças. Sob a sombra das árvores e circundados de lindas flores e viçosa relva, as crianças assistiam às aulas que consistiam de histórias bíblicas ilustradas no flanelógrafo, histórias de animais, poesias, jogos bíblicos, canticos infantis novos e velhos acompanhados por músicas de algumas melodias tocadas pelos jovens. Houve também duetos, conjuntos musicais e cânticos com gestos. As professoras Sara de Almeida Ramos, Violeta Rodrigues e Arminda Lopes deram valioso auxílio, assim como as irmãs Fátima Duarte, Lucília Machado, Manuela Marques, Raquel Ramos, Arminda Branco, e Adelaide Carvalho, com a orientação geral da irmã Arline Hermanson.

Durante três meses também se realizou uma outra série de reuniões para as crianças. Começando no dia 13 de Abril e encerrando temporariamente no dia 20 de Julho, funcionou esta «Escolinha» aos Domingos pelas 14 horas na casa da família Hermanson para as crianças não crentes da vizinhança. As mesmas professoras auxiliaram neste trabalho e a menina Requel Ramos encontrava-se sempre no seu lu-

gar a tocar o piano. Hevendo espaço e condições apenas para 10 crianças, como apareceram sempre entre 20 e 25 cada semana, retiram-se as cadeiras, e cobriam-se o piso com mantas. O grande e muito apreciado flanelógrafo tinha por baixo um cesto a servir de cavelete e a geleira serviu de apoio trazeiro. Quase todas as professoras sentavam-se no chão junto das crianças quando não estavam em actividades junto do flanelógrafo! Os queridos alunos gostavam de tudo mas deliciavam-se em marchar com chapéus de papel na cabeça e a cantar, «Marcha, Soldados». Quando algumas crianças começaram a chegar uma hora antes da classe (não esperando pelas professoras que sempre iam buscá-las a casa), a tarefa tornou-se mais fácil.

Elas mostraram grande interesse pelos assuntos espirituais e morais e verificou-se em alguns casos a compreensão e gratidão dos pais pelo trabalho das professoras. «Tão pacientes», segundo diziam elas. Ora, não era preciso ter paciência porque nunca houve qualquer problema que a justificasse. O programa de cada aula foi cuidadosamente planeado e ensaiado de antemão de modo que não se perdeu um único segundo de tempo durante a aula. Como os alunos estavam sempre ocupados e a aula era interessante, não houve falta de atenção. Os alunos apreciavam as figuras que iam recebendo semana após semana e que em casa pintavam fielmente no caderno que lhes foi entregue no primeiro dia de aula. As figuras representavam histórias bíblicas, ou ilustravam um cântico aprendido.

As muitas horas de preparação, os esforços e o tempo dispendido, o «incómodo»



*Grupo de crianças reunidas em casa da irmã Arline Hermanson*

como alguns o chamam, foram bem recompensados pela alegria demonstrada nos rostos inocentes das crianças, ávidas por saberem o que vinha a seguir! Pelo menos três destas crianças já são membros da Escola Sabatina e pretendemos num futuro próximo continuar a preparação do terreno para receberem de bom grado em seus lares o curso «A Bíblia Responde».

### Escola Sabatina Filial no Bairro de S. João

É de verdadeiro regozijo o momento actual da Igreja de Nova Lisboa. Foi concluída a primeira fase do plano a «A Bíblia Responde» que, como já informámos, foi aplicado no bairro de S. João. Bem podemos dizer que «até aqui nos ajudou o Senhor», pois a luz está brilhando neste bairro.

Não podemos neste momento de alegria, esquecer que parte do êxito obtido se deve à dedicada e persistente acção de fiéis irmãos que em passadas campanhas missionárias abnegadamente fizeram pródiga sementeira.

Parecia não valer a pena. A semente apesar de todos os cuidados não germinava. Deus, porém, não desilude os seus fiéis filhos.

Como resultado directo desta acção missionária da Igreja, no bairro de S. João, temos em pleno funcionamento uma Escola Sabatina Filial.

A sua história é bela na sua singeleza. Ei-la: Duas irmãs, as senhoras Irma Jewell e Ginette Pinto, batem a uma porta para entregar folhetos. Convidadas a entrar deparam com uma senhora, hoje irmã Maria França, que, embora presa ao leito pela enfermidade, ávidamente aceitou a mensagem do advento. Todo o restante foi sim-



*Irmã Maria Rosa França a que se refere este artigo*

ples. Estudos Bíblicos, Baptismo, e finalmente a abertura da Escola Sabatina Filial.

Preso ao leito por paralisia desde há 23 anos, esta irmã é um verdadeiro exemplo de resignação Cristã. É verdadeiramente uma luz que resplandece naquele bairro.

Toda a sementeira da Palavra de Deus, acaba mais tarde ou mais cedo por dar o seu fruto.

M. M.

### Igreja de Sá da Bandeira:

Tivemos o prazer da visita da Espôsa do do Exmo. Senhor Governador do Distrito da Huila, Senhora D. Maria da Conceição Vila Nova, Senhora Dr.<sup>a</sup> Alda de Sá, Delegada de Mocidade Portuguesa, Senhora D. Julieta, Professora da Escola Técnica Industrial e Comercial desta cidade, e outras senhoras de destaque no meio social que estiveram presentes juntamente com irmãos e amigos da Congregação. Foi-nos solicitada a nossa colaboração como Congregação. religiosa, no 4 de Julho, data em que se comemorava o Dia da Mulher Portuguesa em todo o território nacional. Deu-se início à referida reunião com um cântico de abertura e oração de benção às vinte horas precisas. Houve algumas leituras e considerandos acêrca da missão da mulher de hoje como educadora e orientadora do lar, e sua missão no mundo! Entretanto, alguns jovens preferiram algumas poesias alusivas ao dia, havendo simultaneamente um côro da juventude da Igreja que agradeu à assistência, seguindo-se depois a leitura duma linda Mensagem dirigida à



*Grupo dos crentes da igreja de Sá da Bandeira*

mulher, pela irmã Ana Maria Vale, a qual muito agradeou ao auditorio!

Ao terminar, invocou-se o nome de Deus e suplicou-se a benção do Senhor para todos os presentes e para a mulher portuguesa nos seus deveres e responsabilidades maternas, e bem assim para o Governo da Nação.

### Baptismos

Foi no dia 28 de Junho, que se realizou uma cerimónia baptismal com boa assistência, tendo sido baptizadas algumas preciosas almas, três das quais por acto de imersão, e uma acete por voto devido, à sua doença e avançada idade. Todos os irmãos se sentiram satisfeitos por verem baixar às águas baptismas estas almas que agora ficam a fazer parte integrante da Congregação Adventista de Sá da Bandeira. Rogamos a Deus para que continue a abençoar grandemente a obra de Evangelização nestas terras da Huila onde milhares vivem entregues aos poderes das trevas com as suas crendices e superstições pagãs! Cremos que o Senhor abençoará ricamente o esforço de Evangelização recentemente lançado na Campanha «A BÍBLIA RESPONDE», o que muito virá a contribuir para esclarecer os espíritos e afugentar os espíritos do mal que povoam o mundo!

Vosso no Senhor,  
Américo J. Rodrigues



Quatro novos irmãos após o baptismo

### A Visita do Exmo. Senhor Governador do Distrito do Huambo ao Longonjo

A quando da visita oficial do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Governador do Distrito do Huambo ao Concelho do Longonjo e em representação da Missão Adventista do Bongo, deslocaram-se ao Longonjo o Director do Hospital, Dr. David Parsons, e o Director do Instituto, juntamente com vários outros missionários, professores e alunos do Instituto Adventista do Bongo, a fim de cumprimentar Sua Ex.<sup>a</sup>.

Empunhado um vistoso dístico, onde se liam as expressivas palavras: A MISSÃO ADVENTISTA DO BONGO SAÚDA SUA EXCELÊNCIA O SENHOR GOVERNADOR, e devidamente fardados os rapazes e meninas do coro do Instituto entraram no recinto em frente da Administração do Longonjo e ocuparam o lugar que lhes estava designado, para pouco depois entoar com garbo o Hino Nacional, o qual foi ouvido com o devido respeito, por toda a assistência.



O Coro do Instituto do Bongo e alunos das escolas

